



EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER & SAÚDE

Desafios Interdisciplinares
na Promoção da Atividade Física

Volume II

Coordenação
Nuno Serra
Carolina Vila-Chã
Natalina Casanova
Beatriz Pereira



Ficha técnica

Título	EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER & SAÚDE Desafios Interdisciplinares na Promoção da Atividade Física Volume II
Coordenação	Nuno Serra Carolina Vila-Chã Natalina Casanova Beatriz Pereira
Edição	Instituto Politécnico da Guarda Julho 2019, Guarda, Portugal
Concepção Gráfica	Instituto Politécnico da Guarda
ISBN	978-972-8681-79-1

ENTRE O EXPERIMENTO E A EXPERIÊNCIA: PARA UMA DIDÁTICA ORIGINÁRIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA (INFANTIL)

António Cunha
Uminho, Portugal
Roselaine Kuhn
UFS, Brasil
Evandro Oliveira
Uminho, Portugal
Unifimes, Brasil

RESUMO

A Educação moderna parece estar voltada para o exterior! Na radicalidade desta afirmação encontramos a constatação de que a Educação (Física) parte do pressuposto de que precisamos adquirir todo o conhecimento – o conhecimento positivo, da técnica, do experimento, da formalidade, da teoria... para que possamos ser competentes, críticos e inovadores. Esta constatação parece que “colide” com o primeiro ideário da boa educação já defendida pelos Gregos. Esse ideário assentava no primado de que a educação seria um tempo e um espaço livre para o homem se dedicar ao seu ser (eu) interior - metáfora Socrática. Conhecer o eu interior onde a razão, a emoção, a sensibilidade, a espiritualidade, a individuação, a experiência, habitam, seria o caminho a percorrer. No entanto, por paradoxal e contraditório que pareça, a evolução humana consagrou (quase em exclusivo) a racionalidade como o caminho a seguir. Desta realidade, toda a vida social, cultural, política, educativa, desportiva foi paulatinamente “enclausurada” em modelos de experimentos de grande fechamento e grande rigidez estrutural e funcional. Contrariamente, a ideia de experiência, (dado eminentemente ontológico e antropológico) foi preterida e até destituída da sua grande missão - que pressupunha a construção do homem-todo (o homem-todo, que é: sensível, inteligível, imanente e transcendente). Ora, se nosso objetivo é continuar a viver numa sociedade aberta e democrática, num mundo em que cada um de nós possa construir a sua própria experiência e existência, a orientar a sua vida pelo respeito e solidariedade para com os outros, onde a Educação Física tem papel muito relevante, torna-se necessário tomar a consciência sobre esta primeira ideia da boa educação (física), tendo a experiência como fundamento da boa educação. Este fato vai contra a ideia (dominante) de experimento (o currículo é um experimento!?) típico da educação formal moderna de grande racionalidade técnica e burocrática. A reflexão tenta mostrar que a Educação Física (logo nas primeiras idades) poderá contribuir para esta dimensão através de uma intervenção didática no campo da experiência, foco das reflexões que pretendemos tecer.

Palavras-chave: educação física (infantil); não formal e informal; experiência e experimento.

Introdução

A Educação moderna parece estar voltada para o exterior! Na radicalidade desta afirmação, encontramos a constatação de que a educação (física) parte do pressuposto de que precisamos adquirir todo o conhecimento – positivo, da técnica, **do experimento** e formalidade –, para sermos competentes, críticos e inovadores. Esta constatação parece que “colide” com o primeiro ideário *da boa educação*, cantada pelos Gregos, um ideário assente no primado de que a educação seria um tempo e um espaço livre para o homem se dedicar ao *seu ser (eu) interior* – metáfora Socrática. Conhecer o eu interior onde a razão, a emoção, a sensibilidade, a espiritualidade, a individuação e a **experimentação** habitam seria o caminho a percorrer. No entanto, por mais paradoxal que pareça, a evolução humana consagrou (quase em exclusivo) a **racionalidade**.

Desta realidade toda a vida social, cultural, política, educativa e desportiva foi paulatinamente “enclausurada” em **modelos de experimentos** de grande fechamento, rigidez estrutural e funcional. Contrariamente, a ideia de **experimentação** (dado ontológico e antropológico) foi preterida e até destituída da sua grande missão – que pressupunha a construção do **homem-todo**.

Assim, refletimos, por um lado, que se o nosso objetivo é continuar a viver numa sociedade aberta e democrática, num mundo em que cada um de nós possa construir a sua própria experiência e existência, a orientar a sua vida pelo respeito e solidariedade para com os outros (onde a Educação Física tem um papel muito relevante), torna-se necessário tomar consciência desta primeira ideia de educação (física). Em outras palavras, seria o mesmo que tomar como consciência o que é concreto da **experimentação**, como fundamento da boa educação. Este fato contradiz a ideia (dominante) de **experimento** (o currículo é um experimento!), típica da Educação formal moderna, de grande racionalidade técnica e burocrática.

Na nossa reflexão, tentamos mostrar, por outro lado, que a **Educação Física** poderá contribuir para esta dimensão através de uma *intervenção didática no campo da experimentação*. Este fato é ainda mais relevante pela forma como o desenvolvimento técnico e tático se processa na Educação Física. Não esqueçamos que a verdadeira técnica, a evolução da técnica (tática, estética...) dá-se originariamente no campo da experimentação, onde há a possibilidade da abertura, do novo, das vivências, das surpresas, do inusitado, do espanto...

A presente reflexão, indispensável no campo da educação, sobretudo no terreno dos estudos da criança, organiza-se em três momentos: A constatação das leis da termodinâmica (2ª lei); O tempo das habilidades e o tempo da técnica; A experimentação como o “segredo” que mostra a habilidade e estrutura a técnica.

A constatação das leis da (física) termodinâmica (2ª lei): alguns apontamentos

Quando olhamos para as leis da termodinâmica (Abbott, & Van Ness, 1992; Dias, 2012), constatamos que a 2ª lei faz referência aos *sistemas fechados e sistemas abertos* e à ideia de **entropia** – que significa desordem das partículas de um sistema.

Nos **sistemas fechados**, existe a ideia de estabilidade, do inviolável, do seguro. Há, assim, uma **não entropia** ou **entropia mínima**, uma desordem mínima. No entanto, por paradoxal que pareça, este fato impossibilita o desenvolvimento. Os materiais, as estruturas, os sistemas fechados, quando abalados, levam a uma desordem radical ou extrema e, com ela, à destruição.

Por seu lado, a existência de um **sistema aberto** (que fundamentará a abordagem sistémica) tem um sentido contrário. É um sistema de **entropia máxima** – desordem de um sistema que, pelo desequilíbrio (flexível), leva ao desenvolvimento.

O Ser humano é um **sistema aberto** pela abertura de si ao meio e, por conseguinte, fazedor de evolução científica, artístico-cultural, linguística, desportiva... O novo, a inovação, o desenvolvimento resultam, assim, de contínua adaptação, de um contínuo **círculo hermenêutico** – equilíbrio/desequilíbrio, equilíbrio/desequilíbrio... –, numa lógica de um *continuum* existencial, que participa da história do homem desde a origem até ao contexto pós-moderno de grande complexidade (Morin, 2001; Camilo Cunha, 2008). Assim, temos a seguinte lógica:

Um sistema (ser humano) **fechado** tem apontado a si uma seta de destruição; Um sistema (ser humano) **aberto** tem apontado a si a seta da construção, da evolução e, em última instância, da excelência.

A **Educação Física** (que tem o Desporto (1) como matéria de ensino) está neste envolvimento. A Educação Física integra o património cultural do homem. Criado, transmitido, transformado, recriado e dinâmico, ele é, assim, plural, polimórfico, politécnico, tendo objetivos, práticas, formas de jogar, regras, equipamentos, etc.. A Educação Física constituiu-se, assim, como uma metáfora da *vida e do homem* – **um sistema aberto!**

Uma forma de perceber a abertura e a evolução

Entre **Leonel Messi** (alta competição) e **Afonso** (brinca com os amigos e anda na escola – tendo Educação Física),

Leonel Messi

Quando observamos (contemplamos) o jogo de Leonel Messi, constatamos que movimentos como eficácia, fluência, precisão, estética e automatismo se encontram presentes. Quando entra na área adversária com a bola nos pés, quando faz uma finta, quando remata ou quando faz passes milimétricos, vai sofrendo por

parte dos adversários pressões, marcações e dobras. Mesmo assim, ele consegue suplantar estas **perturbações** (a ideia de perturbação – de que falamos há pouco na termodinâmica). Se o sistema fosse **fechado**, certamente que muitos erros apareceriam e ele entrava em colapso. Como Messi tem em si um **sistema aberto**, perante essas perturbações, descobrirá sempre outras formas de solucionar o gesto técnico

- tático:

- mudança de direção, de velocidade;

- mudança de trajetória;

- mudança de pé;

- alteração do corpo;

- Movimentos antes nunca experienciados (criatividade, imaginação, novo...);

- pressões externas (assistência, adversários).

Assim, o sistema de Messi, como sistema aberto, enfrenta as perturbações de forma sucessiva. Ao conseguir enfrentar essas perturbações, cria-se uma **nova adaptação** - *novos quadros mentais, físicos, técnicos, táticos, de entendimento e prática foram (são) alcançados*. É este constante adaptar às perturbações, ao longo do **treino** e da **competição** (que demora anos), que conduzirá ao rendimento. Esta ideia de **estabilidade** e **instabilidade** levará à **evolução** e à **excelência**. A excelência é, assim, um processo constante de aperfeiçoamento, levado a uma nova ação cada vez mais estética – o bem, o bom e o belo.

O Afonsinho

Quando o Afonsinho – criança ainda em idade pré-escolar – joga futebol na rua ou na escola, ele apresenta erros grosseiros. Com muita prática, esforço e dedicação (repetição de movimento), vai-se aperfeiçoando e aproximando da **técnica** – a técnica aqui entendida como movimento eficaz, mas também movimento belo – e, quando esta associação se celebra, estamos no campo da excelência, da poesia.

Há, assim, uma modificação nos padrões de movimento. Se o Afonsinho dá toques numa bola, ele, numa situação inicial, fará muitos erros, perdas de bola/controla. No entanto, depois de muita repetição, automatizará (estabilização). Em todo o caso, ele não ficará, porém, por aqui. Partirá, de imediato, para novos padrões de movimento. Ele desejará desestabilizar aquilo que, com tanto esforço, estabilizou, não se contentará com o já conhecido ou o já realizado, e vai tentar criar novos mundos motores. Para isso, terá coragem, ousadia e não terá medo de errar. E, assim, dará toques com o pé direito, esquerdo, de calcanhar. Dos passes que, antes, eram desordenados e curtos, ele fará passes ordenados e longos, porque se situa efetivamente na caminhada da excelência, da sua excelência e da sua evolução.

Ora, este mesmo quadro, num sistema fechado, não deixaria o errado, a criatividade, o tempo com ele, o tempo preciso. *A Educação Física na Escola será um sistema aberto ou fechado? Esta é, em nosso entender, a grande questão.*

O tempo das habilidades e o tempo da técnica – o tempo de Afonsinho e o tempo de Messi

Convém definir, portanto, com precisão, dois termos estruturantes: *habilidade e técnica...que dará tática*, para entendermos o como estar e atuar no campo da educação física/desporto na escola.

A **habilidade** é algo interno, algo nosso, só nosso, que muitos defendem como um dom natural que parece estar já trabalhado. Estas habilidades serão depois trabalhadas por tentativa - erro, com esforço (com mais ou menos esforço). Desta experimentação surgirão novas informações, conhecimentos que vão consolidar-se em técnica.

A **técnica** diz do homem, faz parte da evolução do homem, sendo cultural. A evolução (história) do homem pode ver-se pela evolução da técnica – a recolha de vegetais e frutos, depois, sequencialmente, a agricultura, a indústria, o comércio e, hoje, neste tempo pós - moderno, o digital. *A técnica (para além de um sentido estético) emerge como um modo de conhecimento de eficácia e produtividade*. A técnica, no campo da Educação Física (desporto), tem este sentido, mas também o da **excelência humana** (Camilo Cunha, 2008) (2).

É neste sentido exato do que é a técnica que poderemos falar **no sentido da tática**. A tática, mais do que uma operacionalização racional, externa, tem um começo interno. **A tática é filha da técnica**. A tática é o resultado da apropriação técnica do indivíduo. O rigor e a disciplina tática são tanto maiores quanto maior for o sentido da técnica. Aliás, será a própria técnica que irá exigir a ação e o rigor tático. Por isso, primeiramente, devemos dar tempo às habilidades (experimentação), depois, à técnica... que dará tática.

Como explicar o aparecimento da técnica no campo da Educação Física/ Desporto?

As habilidades motoras – correr, saltar, lançar, trepar... – vão-se construindo pelo trabalho – tentativa, erro, acerto, mecanização, automatização.

Quando o processo de automatização está conseguido (eficácia), temos a **técnica**. Neste sentido, a técnica pode ter um valor universal (*status quo* técnico). Todavia, a capacidade de ousadia ou de desafio poderá colocá-la em causa. Exemplos paradigmáticos disso são as várias técnicas do salto em altura – **tesoura, ventral, flop...**

Quando o Americano Dick Fosbury, nos Jogos Olímpicos do México de 1968, teve a “ousadia” de saltar de costas, **fez emergir** uma nova técnica – o Fosbury Flop.

Assim, a técnica é temporariamente um ponto de chegada, pois poder-se-á transformar num ponto de partida. Assim, quando ponto de chegada, poderá permitir novas ruturas para novas habilidades que, depois

de trabalhadas, darão novas técnicas. Neste sentido, a técnica poder-se-á transformar em habilidade perante o aparecimento de novas e eficazes técnicas.

A experimentação, o "segredo" que mostra a habilidade e estrutura a técnica

Quando nos detemos no ato pedagógico, constatamos (tradição) que a Educação Física/Desporto na escola (clube) está estruturada numa lógica de **experimento**. A ideia de **experimento** está voltada para uma pedagogia tradicional (racionalidade técnica), projetada, previsível, desejada, objetiva, quantificável, de expectativa a ser alcançada. É aquela que se encontra na educação física tradicional do currículo. Este fato tem, na sua retaguarda, um sentido político e, com ele, a ideia de ideologia, cultura, organização social, organização preparação do futuro. Tem, efetivamente, um sentido político, de **estado**. O estado contemporâneo só pretende eficácia e produtividade, esquecendo o indivíduo, na sua individuação. Na realidade, controla e manipula o indivíduo na produção – **a exterioridade**.

Contrariamente, a ideia de **experiência** está voltada para uma pedagogia primeira (e por isso ontológica, e não política). A experiência é da ordem do imprevisível, convocando a subjetividade, a liberdade individual, o sentido hermenêutico, fenomenológico (Heidegger (2000, 2003); Merleau-Ponty (1999, 2006)) e existencialista (Sartre, 2002). A existência deste campo está em si mesmo, não havendo medições, nem expectativas.

A experiência tem a **verdade que só ela sabe e diz**. É pela passagem por este estágio que se vai estruturar a ideia de **habilidade** e de indivíduo (individuação). Para que a habilidade seja efetiva, a experiência/experimentação tem que existir. Reveste-se de um sentido político de **nação e só há nação** quando existe indivíduo, emergindo daqui a imaginação, intencionalidade, criatividade, inovação, mola de impulso para se ser mais - individualmente e como povo (desporto) – **a interioridade**.

Apontamentos finais

Deixamos esta pequena reflexão, com pensamentos que diríamos de **tomada de consciência** sobre o processo tão complexo que é a educação, em geral, e da educação motora, em particular. A Educação Física, na escola, deve ser, antes de mais, um **locus de habilidades** e, por isso, espaço e tempo para a criatividade, a abertura, a rutura... e, depois, sim, de técnica e tática...

Permitir experimentar o novo – por meio de jogos, brincadeiras etc –, construir novas expressões de modo a enriquecer a cultura ampla das capacidades e habilidades motoras, na infância, é oportunizar trabalhar as dimensões e os elementos da cultura corporal que contribuem para a formação mental, física e psicológica do sujeito.

A Educação Física, na escola, como tempo e espaço para a técnica, poderá impor-se como um sistema fechado para muitos alunos. Numa perspetiva escolar ou de intervenção didática, esta deverá permitir e estimular a **experimentação, o tempo e o espaço para as habilidades**, pois, assim, concede oportunidade (aberturas e possibilidades) para a experiência primeira, a experiência ontológica, rica, única, de grande potencial humano e motor.

Referências

- Abbott, M. & Van Ness, H. (1992). *Termodinâmica*. McGraw-Hill.
- Bento, J. (1985). *A Criança no Treino e no Desporto de Rendimento*. Kinesis, V 5, nº1, pp-9-35.
- Bento, J. (2006). *Desporto: Matéria de Ensino*. Lisboa. Editorial Caminho.
- Bosco, J. (1995). *Aprender a Aprender Fazendo: Educação Física, Esporte, Lazer*. Londrina: Lido.
- Dias, J. (2012). *Química- Física - Uma Introdução*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Camilo Cunha, A. (2008). *Pós - Modernidade, Socialização e Profissão dos Professores de Educação Física - para uma nova Reconceptualização*. Viseu: Visis - Editores.
- Freire, J.B. & Scagila, A. (2003). *Educação como prática Corporal*. São Paulo: Scipione.
- Kunz, E. (2000). *Transformação Didático-Pedagógica no Esporte*. 3ª Ed. Ijuí: Editora Unijui.
- Greco, J. & Brenda, R. (1998). *Iniciação Desportiva Universal I: da Aprendizagem Motora ao Treinamento Técnico*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Heidegger, M. (2000). *Problemas Fundamentais de la Fenomenologia*. Madrid: Calessa.
- Heidegger, M. (2003). *Caminho da Linguagem*. Vozes Editores.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. 2ª Ed. São Paulo. Martins Fontes.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Psicologia e Pedagogia da Criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morin, E. (2001). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget. 26. 27.
- Ortega & Gasset, J. (1983). *Obras Completas - Tomo II*. Madrid: Alianza Editorial /Revista de Occidente.
- Sartre, J.P. (2002). *O Existencialismo É um Humanismo*. São Paulo: Abril Cultural.
- Schmidt, R. & Wrisberg, C. (2001). *A aprendizagem e Performance Motora: Uma Abordagem da Aprendizagem baseada no Problema*. Porto Alegre: Artmed.
- Schmidt, R. (1993). *A Aprendizagem Motora*. São Paulo: Movimento.
- Weineck, J. (1999). *O Treinamento Ideal*. São Paulo: Monole.